

## A IMPORTÂNCIA DE MOTIVAR O ALUNO BRASILEIRO A QUERER APRENDER INGLÊS NOS DIAS ATUAIS

*Elisson Souza De São José<sup>i</sup> (FA)*

### 1 INTRODUÇÃO

Não é de agora que sabemos o grau de importância que tem conhecer um novo idioma e que através dele podemos conhecer um povo, sua cultura, seus costumes e muito mais. Sem contar que irão abrir nossos horizontes neste mundo globalizado em que vivemos.

Vivemos uma época na qual o contato entre línguas e culturas nunca foi tão intenso e generalizado. O valor de transitarmos por outro idioma não precisa de muita defesa e já não se discute mais a ampliação de espaço de cultura em nós quando outra(s) língua(s) também nos constroem (ALMEIDA FILHO, 2009, p. 9) .

Todo bom professor de Língua Inglesa procura métodos e técnicas que desperte o interesse dos seus alunos que de princípio são desinteressados pelo estudo deste idioma. Foi por esse motivo que elaboramos este artigo, com a finalidade de ser mais uma ferramenta de suporte aos métodos de ensino-aprendizagem de Língua Inglesa.

O professor criativo tem um espírito transformador e está sempre inovando suas aulas, o que requer uma variação das técnicas de ensinamentos buscando sempre algo novo para ser empregado (VEIGA, 2007a, p.35). Não podemos viver da mesmice, os estudantes de hoje não são os mesmos de 30 ou 40 anos atrás e nem mesmo a tecnologia ou os recursos utilizados, o que significa que temos maiores meios e oportunidades de melhorar o ambiente de aprendizado.

Muitos alunos de língua estrangeira, principalmente das redes públicas, não têm muito interesse em estudar um idioma diferente do seu. Uma boa parte deles costuma dizer: “Para que eu vou estudar outro idioma se eu nunca vou sair do Brasil?” É a partir daí que se deve preparar a aula de forma que ajude estes alunos a pensarem de forma diferente.

Os professores podem e devem avaliar as formas de se trabalhar a nova Língua em sala de aula. Estudantes com dificuldades devem ser estimulados a não desistirem,

eles necessitam de motivação e de dedicação da parte dos professores para que possam ter uma visão diferente quando se trata de aprender um idioma novo, o professor deve está ciente que o aluno não irá gostar de estudar uma língua estrangeira de uma hora para outra sem a ajuda do orientador, ele deve fazer o diferencial na aprendizagem, para isso, deve está sempre atualizado e preparado para poder lidar com os diferentes tipos de alunos, os quais ele transmitirá a disciplina. O que pode ajudar ou prejudicar neste momento é o grau de afetividade existente entre o professor, aluno, turma e disciplina.

De acordo com Vivian: “o filtro afetivo é uma barreira que impede os aprendizes de uma língua estrangeira de adquirir uma linguagem de forma apropriada” (VIVIAN, 2005, p. 5). Em outras palavras, um aluno que está tenso, nervoso ou com outro tipo de situação emocional pode não se sair tão bem no momento da aula, principalmente nos momentos de diálogos. Por isso, o instrutor é responsável por tirar as possíveis barreiras que possam fazer seu orientando se sentir desconfortáveis ou inseguro ao estudar em sala de aula. Também o aluno deve sentir segurança para fazer perguntas ao professor quando estas surjam. Agora vem uma questão importante: O que trabalhar em sala de aula?

Acredita-se que “[...] a escola deve trabalhar com o conhecimento do cotidiano, mais próximo da realidade dos alunos concretos que frequentam as escolas [...]” (MELO e URBANETZ, 2008, p. 115). Esse é um assunto muito importante que temos de levar em consideração. Existem muitas coisas que costumavam vim em livros, revistas ou outros meios didáticos que são eficazes em certos lugares, mas que não dão certo em outros, isso ocorre porque cada região possui sua própria cultura e o idioma estrangeiro pode está presente em cada região de forma diferente. Vamos destacar logo abaixo, alguns meios de como o idioma estrangeiro pode está presente na vida de muitos de nossos alunos, mesmo que em muitas das vezes estes não se apercebam disso.

O dialeto estrangeiro costuma está presente nos filmes que são produzidos fora do Brasil, nas músicas internacionais, na rede internacional dos computadores - a internet, ou até mesmo quando compramos um produto ou vamos em uma loja, quase sempre, verificamos a presença marcante de outra língua, na maioria das vezes, o Inglês, por ser a língua da globalização.

Se conseguirmos destacar o quão relevante é aprender esse novo idioma, com certeza o aluno terá mais vontade em estudar. Caso não consigamos conquistar o interesse do aluno, ele não aprenderá.

Outra característica da aprendizagem é que ela acontece somente se houver da parte do educando, uma atividade autônoma no sentido de que ele se mobilize para o aprendizado. Significa dizer que a transmissão dos conteúdos, os conhecimentos científicos, as habilidades, atitudes etc., não é feita de maneira mecânica do professor para o aluno, sem que este queira. (MELO e URBANETZ, 2008, p. 117)

Sabemos que a aprendizagem é muito importante, no entanto, “mais importante do que aprender o conteúdo transmitido pelo professor é o aluno dominar o método de se chegar ao conhecimento” (VEIGA, 2007b, p. 90).

Assim sendo, deve-se usar estratégias de ensino que desperte nos alunos desejo em manter um contato com a Língua Inglesa. Além disso, o uso dessas estratégias pode ser contextualizado de acordo com a necessidade, condição social e principalmente com o grau de motivação que cada aluno apresenta ao longo da aprendizagem.

Abordaremos, a partir de agora, algumas táticas que podemos utilizar em sala de aula para despertar nos alunos desinteressados não só desejo, como também apego ao aprendizado de uma nova língua, neste caso, o Inglês.

## 2. A TECNOLOGIA COMO ESTÍMULO AO ENSINO DE INGLÊS

As aprendizagens vão acontecer em função das necessidades do indivíduo; estas tendem a gerar um desequilíbrio, fazendo com que imediatamente sujam motivos; [...] assim podemos dizer que, para que ocorram as aprendizagem é necessário um estado de alerta (moderado), impulso, vontade e desejo de aprender, ou seja motivação. (ROSA, 2007, p. 28)

A tecnologia atualmente anda a favor da aprendizagem, dando de certa forma “um empurrão” para que ocorra de modo mais eficaz e divertido. Diferente de décadas atrás, hoje nós temos várias ferramentas que podemos utilizar para estimular o empenho do aluno ao estudo. Cabe então aos instrutores utilizá-la da forma correta, o que fará com que não só os alunos venham aprender de forma mais fácil, como o grau de atenção

dada pelos alunos ao professor será maior e assim, portanto, o educador poderá alcançar seu objetivo.

Uma tecnologia muito usada em sala de aula e que tem contribuído há muito tempo no aprendizado de um novo idioma é a música. A maior parte das pessoas do Brasil tem acesso a um aparelho de som o que faz com que este aparelho seja um meio eficiente de aprender a ouvir e pronunciar em outro idioma, sem contar que é possível ensinar gramática através das letras das músicas. Todavia, é necessário da parte do professor examinar qual o melhor momento e a melhor música a utilizar.

Primeiramente é necessário considerar-se a clareza do *input* ao qual o aprendiz será exposto [...] a velocidade de produção também deve ser observada [...] Por fim, é necessário observar-se se o intérprete é falante nativo da língua-alvo e qual é sua variante lingüística. A variante dialetal é outro critério a ser considerado, uma vez que a utilização, numa aula de inglês norte-americano, de canções interpretadas por um artista que possua um forte sotaque britânico também pode vir a confundir aos alunos (LEFFA, 2003, p. 97).

É possível trabalhar vocabulário, pronúncia, tempos verbais, e diversos outros assuntos. Deve-se apenas estar preparado, segundo Leffa (2007, p.103) “o grau de atratividade e de eficiência dependerão da criatividade do professor”.

Outro meio muito eficiente é o uso de vídeos, a concentração da turma tende a ser maior, pois além de ouvir, eles também poderão assistir, o que irá tornar a aula mais divertida e mais atrativa ao educando.

Para que ocorra tudo de acordo com o esperado é necessário saber selecionar o que será passado, pois as aulas costumam ser curtas, o que poderia ser mais apropriado um vídeo *clip* musical, um desenho animado, um seriado ou algo parecido. “A ênfase está na diversão, uma vez que os aprendizes vêm um filme com o propósito de imergir na língua” (LEFFA, 2003, p. 53). E o que dizer da internet?

O Brasil é um país onde as pessoas utilizam bastante a internet, e esta, por sua vez, possui a maioria dos seus sites em vários idiomas, o que podemos usar a nosso favor na hora de ensinar.

Segundo as estatísticas e as agências de pesquisa há no Brasil 41,5 milhões de internautas segundo o *ibope/ NetRating* (com dados apontados em julho de 2008) ou 64,5 milhões segundo a *DataFolha* (agosto de 2008) – a discrepância entre os números deve-se à diferença de metodologia, mas ambos os institutos consideram apenas os internautas maiores de 16 anos.

Nas áreas urbanas, 44 % da população estão conectados a internet, bem como, 97% das empresas brasileiras estão presentes na Grande Rede (MACHADO e SOBRAL, 2009, p. 193-194).

Quando falamos de internet devemos levar em conta que podemos ter acesso à cultura de qualquer parte do mundo diante de nós em poucos segundos. Também podemos encontrar diversos *sites* educacionais, por meio da internet podemos conseguir diferentes tipos de textos, atividades, imagens, diálogos, livros, revistas e outros instrumentos essenciais para fazer a aula mais divertida e dinâmica.

De acordo com uma pesquisa citada por Berger (2003, p. 48) o Brasil em 2006 ocupava o 11º lugar no rank mundial quanto a uso da internet e com certeza o número de usuários continua aumentando.

Atualmente, o Brasil através de um projeto conhecido como PROUCA- Programa Um Computador por Aluno, posto pelo Ministério de Educação, tem implantado 150 mil *netbooks* em 300 escolas públicas, destinando um para cada aluno e estes poderão ser usados não apenas nas escolas como também em suas casas. Isso fará com que o uso da tecnologia esteja mais presente e também servirá como mais uma ferramenta usada a favor de uma melhor educação e de um melhor ensino de língua estrangeira. Só no estado de Sergipe são 21 escolas, 428 professores e 7.918 alunos beneficiados no ano de 2011<sup>ii</sup>.

Existem vários jogos educativos e sites em Inglês que os alunos irão gostar de conhecer, e a depender do jogo, por exemplo, o aluno terá a oportunidade de desenvolver suas habilidades com mais rapidez e não apenas seus conhecimentos, como também sua linguagem poderão ser aprimoradas.

Os jogos de expressão, interpretação e interiorização de conteúdos, além de desenvolver a inteligência, enriquecem a linguagem oral, a escrita e a interiorização de conhecimentos, libertando o aluno do imobilismo para uma participação ativa, criativa e crítica no processo de aprendizagem (ALMEIDA, 2003, p. 119).

Não podemos esquecer que pode ocorrer algum imprevisto quando lidamos com equipamentos tecnológicos, o que quer dizer, que devemos ter sempre um segundo plano caso alguma coisa dê errado, como por exemplo, o equipamento não funcione.

### 3. PLANEJAMENTO METODOLOGICO E O LIVRO APROPRIADA

O planejamento é essencial para o sucesso do discente em sala de aula. Um instrutor preparado planeja sua aula, e conseguirá ter êxito profissional.

O planejamento está diretamente vinculado ao que ocorre em sala de aula e é determinante no processo de ensino- aprendizagem [...] será um subsídio valioso para o professor. Mas do que uma simples ferramenta de trabalho, o planejamento aparece como uma possibilidade de realização de um trabalho criativo, realizador e humanizador (MELO e URBANETZ, 2008, p. 92).

É essencial um bom planejamento para diminuir os problemas e as dificuldades enfrentadas em sala de aula. Ele deve ser feito visando atingir os objetivos sem ter muitas interferências, e, para isso, é necessários encontrar os problemas e então analisar como ocorram e então propor uma nova estratégia de ação para o aprendizado do aluno, “já que esse é o maior objetivo da escola” (MELO e URBANETZ, 2008, p. 93).

É na metodologia que o professor irá encontrar a possibilidade de escolha, de encaminhamento de seu trabalho, e deve tomar muito cuidado, pois corre o risco de escolher um rumo metodológico que não atinja os objetivos, ou ao menos, como desejaria.

Ao entrar em sala de aula o professor deve está certo do que irá trabalhar e o resultado a que deseja alcançar com aquela atividade, não simplesmente estar à frente de uma turma à base de improviso. “Estabelecer os objetivos é, então, planejar e organizar o processo pedagógico, sem “inventar” o que se vai trabalhar na hora da aula. É pensar no aluno enquanto um ser histórico, portanto contextualizado” (MELO e URBANETZ, 2008, p. 85).

O educador deve está sempre estudando e pesquisando, “[...] os professores precisam saber pesquisar e fazer da pesquisa o modo mais profundo de aprender pela vida toda. Quem pesquisa mantém o conhecimento em dia, não perdendo jamais o tempo em transmitir, reproduzir. Quem pesquisa mantém-se à altura dos alunos” (DEMO, 2010, p.8).

O aprendiz, por sua vez, não está isento de responsabilidade sobre o que ele apreender da identidade estrangeira. A partir do momento em que o aprendiz busca mais informações sobre a língua estudada, ele estará recebendo maior

carga de dados culturais do outro grupo. Basta apenas um maior contato, juntamente com uma maior sensibilidade por parte do aluno para que ele inconscientemente receba a cultura da língua estrangeira (PEDROSA & CORRÊA, 2008, p. 146)

Se assim fizermos o aluno não só poderá adquirir gosto de aumentará seu conhecimento pelo idioma estudado como também aumentará sua autonomia, algo que também queremos destacar:

o professor fomentador da autonomia deve se fortalecer para exercer sua profissão. Esse fortalecimento passa necessariamente pela consciência de seu próprio entendimento e reinterpretação do que seja uma língua e o que seja ensiná-la. Em segundo lugar, passa também pela necessidade da prática da negociação. E finalmente, é preciso que o professor se auto-monitore para refletir sobre o tipo de comunidade de aprender que ele está criando e fomentando em sua sala de aula. Só assim o professor poderá saber se está efetivamente criando condições para que autonomia do aprendente surja (GIL e VIEIRA-ABRAHÃO, 2008, p. 297)

Devemos estar atento também ao surgir problema na aprendizagem devido o estudante agir de forma diferente ao grupo no qual ele está envolvido (RUBINSTEIN, 2003, p.128). A auto-estima é fundamental, pois

um dos mais importantes componentes do auto-estima positivo na criança é a aceitação de que ela seja como é, respeitando sua individualidade. Outro passo é nunca perder o papel significativo que os professores representam na vida das crianças e como a concepção desses professores, de si e de cada criança, influem na forma de ensinar (WITTER, 2004, p. 59).

Já se tratando do livro didático, ele também pode estimular o aluno a querer estudar Inglês. Não são todos os livros que são apropriados para todos os tipos de alunos e muito menos todos que têm as qualidades necessárias para o bom aprendizado de um idioma. De acordo com José (2011), “todo livro de idiomas, independente de qual seja, deve atender às quatro habilidades de uma língua: falar, ouvir, escrever e ler. Caso o livro deixe a desejar em uma delas, infelizmente, não atenderá as necessidades de um aluno de idiomas (JOSÉ, 2011, p.11).”

O CBC<sup>iii</sup> de Línguas Estrangeiras de Minas Gerais diz: “o objetivo primordial das ações pedagógicas é o desenvolvimento das habilidades necessárias para que o aluno possa lidar com as situações práticas do uso da Língua Estrangeira” (p. 11) Além disso, ele continua, “ganha evidência também o desenvolvimento da competência

estratégica pelo uso consciente de estratégias para ler, escrever, escutar e falar o idioma estrangeiro” (DIAS, p. 14).

Vários livros ensinam a falar outro idioma usando a técnica da reprodução dos sons do nativo da língua que se quer aprender, isso tem sido eficaz em alguns casos, pois sabemos que uma criança, ao aprender a falar, primeiro observa e depois tenta repetir as palavras. Inicialmente, devido ao indivíduo não saber pronunciar os fonemas de sua língua nativa, acontece dela trocar alguns sons por outros parecidos e isso vai ocorrendo até ela conseguir dominar todos os fonemas necessários para poder se comunicar de forma correta (LYONS, 1981, pp. 233 e 234).

É por isso que, ao adotar os livros didáticos, é necessário levar em conta a língua estrangeira e a língua do nativo. Pois conforme Fries<sup>iv</sup>, “os materiais mais eficazes são os baseados numa descrição científica da Língua a ser aprendida, comparada cuidadosamente com uma descrição paralela da língua nativa do aprendiz” (apud LADO, 1971, p. 13). Utilizar um material didático pensando apenas em facilitar o aprendizado também pode ser prejudicial, pois isso pode iludir tanto o professor como o aluno.

Alguns livros, divulgados pela publicidade como panacéias para aprendizado fácil de uma língua estrangeira, apresenta simplesmente alguns padrões que são similares aos da língua nativa e gastam nêles muitos capítulos, às vezes um volume inteiro. O professor e o aluno não treinados podem ter a impressão de que o livro realmente simplifica a aprendizagem da língua. Porém, na verdade, não ensina a língua estrangeira: apenas entretém o professor e o aluno numa atividade fácil, mas improdutiva. Essa deficiência é revelada imediatamente pela comparação das duas línguas (LADO, 1971, p.14).

Devemos tomar cuidado para não dar uma falsa impressão de aprendizado, quando na verdade, o aluno não consegue usar o novo idioma quando está fora da sala de aula. “O uso de material autêntico pode ser uma maneira de facilitar essa transparência de aprendizagem” (LEFFA, 2003, p. 24).

## 5. CONCLUSÃO

Quando falamos em motivar o aluno é necessário: esforço, preparação e



planejamento da parte do orientando, a fim de fazer com que uma aula que costuma ser enfadonho se transforme em algo agradável e atraente.

Atualização, estudos, pesquisas e dedicação são apenas algumas das chaves necessárias para que possa ter êxito ao ensinar em sala de aula. Precisamos ter sempre em mente que como bons educadores devemos estar atentos as necessidades dos alunos e querer ajudá-los da melhor maneira possível.

Esperamos assim que este artigo ajude a todos os professores de idiomas e que possa abrir ainda mais a mente dos educadores de idiomas, em especial, os de Língua Inglesa.

## 6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Paulo Nunes de. **Educação lúdica: técnicas e jogos pedagógicos**. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

DEMO, Pedro. Prefácio. **Pesquisa, Educação e formação humana: nos trilhos da História**. In: CAMPOS, R. C. P. R. (Org.). Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

MINAS GERAIS. DIAS, Reinildes. **CBC Língua Estrangeira: ensino fundamental e médio- Proposta Curricular**. Minas Gerais. Minas Gerais Construindo um novo tempo. s/d.

ALMEIDA FILHO, José Carlos Paes de. **Linguística Aplicada: ensino de línguas e comunicação**. São Paulo: Pontes, 2005.

GIL, Gloria; VIEIRA-ABRAHÃO, Maria Helena. **Educação de professores de línguas: os desafios do formador**. Campinas, Pontes Editores: 2008.

LADO, Robert. **Introdução à Linguística aplicada**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes LTDA, 1972.

LEFFA, Vilson J. (Org.) **Produção de matérias de ensino: teoria e prática**. Pelotas: EDUCAT, 2003.

LYONS, John. **Linguagem e Linguística uma introdução**. Rio de Janeiro: Zahar Editores S.A., 1981.

MACHADO, G. J. C.; SOBRAL, M. N. **Conexões: Educação, comunicação, inclusão e interculturalidade**. Porto Alegre: Redes Editora, 2009.

MELO, Alexandre de; URBANETZ, Sandra Terezinha. **Fundamentos de Didática**. Curitiba: Editora IBPEX, 2008.

PEDROSA, Cleide; CORREA, Leda (Org.). **Linguística Aplicada ao ensino em Língua Materna e estrangeira**. Aracaju: Editora UFS, 2008.

ROSA, J. L. (ORG.). **Psicologia e Educação: o significado do aprender**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007.

RUBINSTEIN, E. R. **O estilo de aprendizagem e a queixa escolar: entre o saber e o conhecer**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

JOSÉ, Elisson Souza de São. **A necessidade de despertar nos alunos interesse pelo estudo de Língua Inglesa nos dias atuais**. 2011. 15 f. Artigo (Especialização em Metodologia do Ensino de Língua Inglesa). Faculdade Atlântico, Aracaju, Sergipe. 2011.

WITTER, G. P (Org.). **Psicologia e Educação: professor ensino e aprendizagem**. Campinas: Alinea editora, 2004.

VEIGA, I. P. A. (Org.). **Técnicas de ensino: por que não?** Campinas-SP: Papirus Editora, 2007a.

\_\_\_\_\_. **Lições de didática**. Campinas-SP: Papirus Editora, 2007b.

VENTURI, Maria Alice. Considerações sobre a abordagem comunicativa no ensino de Línguas. **Domínios de Linguagem- Revista eletrônica de lingüística**. Ano 1, 1 semestre de 2007. Disponível em: <http://www.dominiosdelinguagem.org.br/pdf/3.pdf>, Acesso em: 02 Abr. 2011.

VIVIAN, Márcio. A influência do aspecto afetivo na aprendizagem da Língua Inglesa em escolas públicas. **Revista Voz das Letras**. Concórdia/Santa Catarina: Universidade do Contestado, n. 3, 2005.

## NOTAS

<sup>i</sup> Professor de Inglês do Colégio Rabboni LTDA e da E.M.E.F. Profª. Maria Thétis Nunes, graduado em Letras Português-Inglês pela Universidade Tiradentes, Especialista em Metodologia do Ensino de Língua Inglesa pela Faculdade Atlântico. Email: Elisson.tj@hotmail.com

<sup>ii</sup> <http://www.uca.gov.br/institucional/escolasBeneficiadas.jsp> , acesso em 2 de abril de 2011

<sup>iii</sup> Conteúdos Básicos Comuns.

<sup>iv</sup> Charles C. Fries, *Teaching and Learning English as a Foreign Language* (Ann Arbor: Univ. Mich. Press, 1945), p. 9.